

“ERA UMA VEZ (...) E (...) FELIZES PARA SEMPRE!”

As interdições [...], provocadas pelo adulto e pela escola, do começo ao fim da “leitura” dos contos de fadas.

Simone Rinaldi¹

Resumo: A partir do conceito de Interdição ligado a temas de literatura infantil apresentado na primeira parte deste trabalho, passamos a refletir sobre o modo como as crianças têm acesso a esse tipo de literatura e, estreitando para os Contos de Fadas, buscamos discutir se, de fato, ocorrem interdições nesse acesso. Esta comunicação está composta de cinco partes. A primeira toma como ponto de partida o conceito de Interdição, relacionando-o a questões ligadas a temas de literatura infantil. A segunda versa acerca do conceito de conto enquanto a terceira descreve algumas características dos contos maravilhosos baseadas nas funções de personagens, segundo Propp (1978). Na sequência, a quarta parte traz a descrição de seis versões do conto de fadas A bela adormecida e, por fim, na quinta e última parte passamos a refletir sobre o modo como as crianças têm acesso a esse tipo de literatura, seja por meio de textos escritos, ainda que lidos por adultos, seja por meio de vídeo e sobre as possíveis interdições a esse acesso. Concluimos, contudo, que alguns autores, ou adaptadores do conto analisado, ao decidirem inserir ou extrair fatos, de acordo com interesses pessoais ou relacionados ao público a que se dirigiam, pode ter resultado na primeira forma de interdição, como apontamos em nossa análise.

Palavras-chave: Interdição; Literatura infantil; Contos de fadas.

1. Introdução

A partir do conceito de Interdição ligado a temas de literatura infantil apresentado na primeira parte deste trabalho, passamos a refletir sobre o modo como as crianças têm acesso a esse tipo de literatura e, estreitando para os Contos de Fadas, buscamos discutir se, de fato, ocorrem interdições nesse acesso.

Como se sabe, os contos de fadas são compilações encontradas em diferentes idiomas e, mesmo num único idioma, há várias edições. Na escolha de um ou de outro livro (pela capa, pelo tamanho da letra, pela ilustração), já ocorre interdição – a escolha de um restringe o contato com outros. Questionamos, também, se a compilação, realizada por um ou outro

¹ Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: monenaldi@hotmail.com.

autor, é capaz de provocar interdições ou se uma adaptação pode fazê-lo. Também questionamos se as narrativas ganham contornos diferentes quando apresentadas através de suportes diferentes, como o vídeo, por exemplo.

Através da comparação de várias versões de um mesmo conto de fadas - A Bela Adormecida -, este estudo visa a verificar possíveis modificações (transformações, segundo Propp, 1972), em cada uma das seis versões analisadas. Os contos de fada, como descritos hoje, são compilações de histórias contadas há muito tempo. Em 1697, Perrault publicou a primeira versão de sua compilação, com oito contos, a saber: “A Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Barba Azul”, “Henrique de Topete”, “Gato de Botas”, “O Pequeno Polegar” e “As Fadas”. Em 1812, os Irmãos Grimm reescreveram esses contos e acrescentaram outros. Atualmente, outras adaptações desses contos foram publicadas, além de coexistirem em outras mídias, como cinema, vídeo e Internet (conto escrito).

O que ganham e o que perdem nossas crianças ao assistirem a um filme/vídeo sobre um conto de fada em vez ouvirem a sua leitura, como se fazia mais comumente décadas atrás? A mesma pergunta pode ser feita em relação às várias versões do mesmo conto. Através do estudo aqui descrito, buscaremos as respostas a essas perguntas.

2. Conceito de interdição

Segundo o dicionário Michaelis (1998) as definições de interdição são:

S.f. (lat. *interdictione*) 1. Ato ou efeito de interdizer. 2. Ato de privar, judicialmente, alguém do direito de reger sua pessoa e bens. 3. proibição. I. de comércio: ação ou efeito de proibir o comércio com uma nação com que se está em guerra.

Já o dicionário Aurélio (1986) apresenta:

[Do lat. *interdictione*.] S. f. 1. Ato de interdizer (1); proibição, impedimento. 2. Privação judicial de alguém reger sua pessoa e bens. Suspensão de funções ou de funcionamento: A interdição do cinema da minha rua terminou ontem. 4. Jur. Privação legal do gozo ou do exercício de certos direitos no interesse da coletividade; interdito. [Sin. ger.: interdito].

No Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil, de Francisco da Silva Borba (1991, 847), encontra-se:

interditar – indica ação-processo e constrói-se com sujeito **agente/causativo**.
1. Com complemento expresso, por nome indicativo, de **via** ou **construção**, significa impedir ou proibir a utilização [...] 1.2. Com complemento expresso por nome indicativo de **meio de transporte**, significa impedir a locomoção de, apreender [...] 2. Com complemento expresso por nome **abstrato de ação-processo**, significa impedir ou proibir o curso ou a realização de [...].

Há várias formas de interdição. Interditamos quando negamos acesso devido ao analfabetismo, por exemplo, situação em que o indivíduo não sabe ler um texto escrito. A interdição também se dá pela sacralização ou endemoniamento dos livros. No período medieval, cabia ao clero liberar ou não o que poderia ser lido, por exemplo. Há, ainda, a interdição de gênero, quando se diz que determinado livro não é para meninos ou determinada leitura é inadequada para meninas. A escola também promove a interdição ao desvalorizar determinada literatura ou, ainda, por supervalorizar um gênero literário ou um autor. A interdição pode ocorrer, também, numa escolha. Ao optar por um texto ou uma versão de determinado texto, interditamos outras possibilidades. Por exemplo, adultos que não tenham tempo de ler contos a suas crianças optam por oferecer-lhes uma versão em vídeo; dessa forma, interditam a versão escrita/oral.

A pesquisa de A Bela Adormecida prestou-se a semear estudos acerca de possíveis interdições. Notamos que há poucas diferenças de uma edição nacional para outra, porém encontramos intensa distinção em versões estrangeiras. Neste trabalho interessa-nos discutir se essas distinções (transformações, na visão de Propp) podem relacionar-se, realmente, a interdições.

3. Conceito de conto de fadas

Coelho² argumenta que o conto de fadas e o conto maravilhoso “surgiram de fontes bem distintas, dando expressão a problemáticas bem diferentes, mas que, pelo fato de pertencerem ao mundo maravilhoso, acabaram identificadas em si como formas iguais”. Assim, a autora afirma:

por um simples confronto entre A Bela Adormecida, A Bela e a Fera ou Rapunzel, de um lado; O Gato de Botas, O Pescador e o Gênio, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, de outro, nota-se que há uma diferença essencial. Diferença quase inexistente ao nível da forma (pois todos pertencem ao universo do maravilhoso), mas que pode ser facilmente percebida ao nível da problemática matriz de cada conto. (COELHO, s/d, não paginado)

Conclui, então, a autora que as primeiras narrativas são contos de fadas, uma vez que nesses argumentos incluem-se membros da corte, fadas e, eventualmente, bruxas, “gigantes e anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida”.

O segundo grupo de narrativas foi definido pela mesma autora como contos maravilhosos, pois - ainda que não apareçam fadas:

se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática, concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através de conquista de bens, riqueza, poder material etc.. (COELHO, s/d, não paginado)

Este estudo abordará, então, os contos de fadas, uma vez que A Bela Adormecida traz os componentes pertencentes ao primeiro grupo de narrativas conceituado por Nelly Novaes: reis e rainhas, príncipes e princesas, fadas, bruxas e, principalmente, tempo e espaço distante da realidade conhecida pela criança.

² Trechos extraídos do site: <<http://www.leiabrazil.org.br/promocaodaleitura/temasparaleitura/contodefada.htm>>. Consultado em: 27 jul. 2003.

4. As funções das personagens

Neste estudo baseamo-nos nas idéias de Propp (1978, 59), segundo o qual “no estudo do conto, a questão de saber o que fazem as personagens é a única que importa; quem faz qualquer coisa e como o faz são questões acessórias. As funções das personagens representam, pois, as partes fundamentais do conto...”.

Assim, o autor lista as 31 funções das personagens, entre elas: situação inicial; ao herói (vítima) impõe-se uma interdição; abrandamento do mal; a interdição é transgredida; a malfeitoria inicial ou a falta são reparadas; o herói (que demanda) casa-se e sobe ao trono que usamos para analisar as seis versões do conto A bela adormecida.

Dessa forma, as funções podem ser desenvolvidas por qualquer personagem da trama, não somente pelo herói ou pelo vilão. Assim, podemos descrever a estrutura de qualquer conto através das ações das personagens.

5. As várias versões de a bela adormecida

Esse conto foi escolhido pela variedade de versões, pela facilidade com que é encontrado, quer em livros (bibliotecas universitárias e municipais), quer em vídeo ou na Internet. Impressas são encontradas as versões de Perrault e dos irmãos Grimm. Nosso propósito é analisar o papel das personagens e suas respectivas funções em diversas versões do conto, quais sejam: duas versões escritas em português, três escritas em espanhol, sendo uma de elas disponível na internet e, por fim, uma versão em vídeo.

5.1. A Bela Adormecida - Coleção Doçura. São Paulo, Rideel, s/d..

Situação inicial: nascimento da Princesa, festa de batizado. ‘Quando aquela Princesinha nasceu, seus pais, o Rei e a Rainha, convidaram três Fadas para o batizado’. *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição:* implicitamente, sabe-se que a Princesa não pode ter contato com a roca e o fuso. O texto não traz a interdição declarada, mas a profecia da Fada velha diz: ‘A Princesa vai furar a mão numa agulha de fiar, e disso morrerá!’. *Abrandamento*

do mal: não há, no livro de Propp, nenhuma indicação de função para a ação de abrandar a malfeitoria, mas uma fada ‘das mais jovens’ amaina a profecia alterando a morte por sono profundo: ‘Não posso anular a profecia, mas posso modificá-la. A Princesinha não morrerá; dormirá durante cem anos, até um Príncipe encontrá-la e beijar-lhe a face direita!’ *A interdição é transgredida*: a Princesa, aos 15 anos, toca no fuso de fiar: ‘A Princesa entusiasmou-se e pediu: Deixe-me experimentar! A velha deixou, porém, mal se aproximou da agulha do fuso, a Princesa feriu a mão e caiu morta!’ *A malfeitoria inicial ou a falta são reparadas*: ‘Quando chegou ao quarto da Princesa [o Príncipe] logo se apaixonou pela Bela Adormecida! Aproximou-se dela, e, levemente, beijou-lhe a face direita!’ *O herói (que demanda) casa-se e sobe ao trono*: ‘Mais tarde, apareceram as três Fadas Madrinhas da Princesa, realizando-se, em meio às mais lindas festas, o casamento dela com o jovem Príncipe.’

5.2. A Bela Adormecida, Irmãos Grimm - Porto Alegre, Kuarup, 1988.

Situação inicial: o casal de reis quer ter um filho. “Era uma vez um rei e uma rainha que todos os dias repetiam: ‘Ah, se tivéssemos uma criança!’ Um sapo faz uma previsão de que eles ganhariam uma menina e isso acontece.” *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição*: implicitamente, sabe-se que a Princesa não pode ter contato com a roca e o fuso. O texto não traz a interdição declarada, mas a profecia da décima terceira mulher sábia diz: ‘Quando a princesa completar quinze anos, espetará o dedo numa agulha de fiar e cairá morta!’ *Abrandamento do mal*: como já dito, Propp não apresenta nenhuma indicação de função para a ação de abrandar a malfeitoria, mas ‘a décima segunda [fada] que ainda não tinha se pronunciado e não podia anular o feitiço, apenas amenizá-lo, falou: A princesa não morrerá, mas dormirá um sono profundo por cem anos.’ *Um dos membros da família afasta-se de casa*: ‘No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha saíram, e a menina ficou sozinha no palácio’. *A interdição é transgredida*: a Princesa, aos 15 anos, toca no fuso de fiar: ‘Num pequeno quarto estava sentada uma velha com uma agulha de fiar; fiava sem parar. – Bom dia, vovozinha, disse a princesa. O que a senhora está fazendo? – Estou fiando, disse a velha e balançou a cabeça. – Que coisa é essa que parece ser tão divertida? Perguntou a menina

pegando a agulha, para também fiar, e ao tocar a agulha, o feitiço se concretizou, pois a princesa espetou seu dedo nela.’ *A notícia da mafeitoria ou da falta é divulgada, dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem; este é enviado em expedição ou deixa-se que parta de sua livre vontade*: ‘Depois de muitos e muitos anos, chegou novamente um príncipe ao país e ele ouviu um velho falar sobre o roseiral silvestre e sobre o castelo que havia atrás dele, onde estariam dormindo uma linda princesa, o rei, a rainha e toda a corte. Num sono secular.’ *O herói-que-demanda aceita ou decide agir*: ‘- Eu não tenho medo, eu quero ir lá para ver a bela princesa.’ *A mafeitoria inicial ou a falta são reparadas*: ‘Finalmente chegou à torre e abriu a porta que dava para o pequeno quarto onde a princesa dormia. Lá estava ela tão linda que o príncipe não conseguia parar de admirá-la. Curvou-se e deu-lhe um beijo. Quando ele a tocou com os lábios, a princesa abriu os olhos, e despertando, olhou-o feliz.’ *O herói (que demanda) casa-se e sobe ao trono*: ‘Foi, então, comemorado o casamento do príncipe e da Bela Adormecida, com muito luxo e alegria, e eles viveram felizes para sempre.’

5.3. La Bella Durmiente. (Perrault) - Madrid, Anaya. 1996.

Situação inicial: o casal de reis quer ter um filho. ‘Hace muchísimo tiempo vivían en su palacio un Rey y una Reina, que eran muy felices. Su única pena era no tener hijos... La alegría se apoderó de todo el reino, y más cuando llegó la noticia de que la soberana había dado a luz una preciosa niña.’ *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição*: implicitamente, sabe-se que a Princesa não pode ter contato com a roca e o fuso. O texto não traz a interdição declarada, mas sim a profecia da “Hada vieja”: ‘El Hada Vieja dijo que la Princesa se pincharía con el huso de una rueca y moriría. ...El Rey desesperado prohibió utilizar husos para hilar y ordenó destruir todos los que se encontraran.’ *Abrandamento do mal*: novamente, nesta versão, aparece o abrandamento do mal. ‘... apareció el Hada que estaba escondida, y dijo: No temáis, la Princesa no morirá. En vez de morir, la niña caerá en un sueño profundo y permanecerá dormida cien años. Entonces, aparecerá un Príncipe y la despertará.’ *A interdição é transgredida*: a Princesa, aos 15 anos, toca no fuso de fiar: ‘La Princesa empezó a jugar con el huso y se pinchó la mano con él. Al instante, cayó al suelo desvanecida.’ *A notícia da mafeitoria ou da falta é divulgada, dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem; este é*

enviado em expedição ou deixa-se que parta de sua livre vontade: ‘En el camino se cruzó con un anciano campesino que le dijo: Mi amado Príncipe, cuando yo era niño, mi padre me contó que en este castillo había una Princesa bellísima que debía dormir cien años, hasta que un príncipe le despertase.’ *Herói-que-demanda aceita ou decide agir*: ‘El hijo del Rey decidió entrar en el castillo, aunque no sabía cómo penetrar en el espeso bosque que lo rodeaba.’ *A malfetoria inicial ou a falta são reparadas*: ‘Se acercó muy despacio hasta el lecho de la Bella Durmiente y se inclinó para contemplarla de cerca. Ella abrió los ojos, porque ya habían pasado los cien años, y dijo: ¡Cuánto tiempo os he estado esperando!’ *Herói (que demanda) casa-se e sobe ao trono*: ‘Una vez terminada la cena, se celebró la boda, en medio de la alegría y los gritos de júbilo de los asistentes.’

5.4. La Bella Durmiente del Bosque (Perrault) - Buenos Aires, Gramón-Colihue, 1999

Situação inicial: Os reis queriam tem um filho. Fizeram de tudo e, finalmente, nasceu uma menina. Para a festa de batizado chamaram para madrinhas todas as sete fadas que puderam encontrar no país. Chegou uma velha fada que já não saía de sua torre há 50 anos. *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição*: A Princesa não poderá tocar no fuso da roca. ...'Cuando le tocó el turno, el hada vieja, bamboleando la cabeza más por despecho que por vejez, vaticinó que la princesa se pincharía la mano con un huso y moriría.... El rey, para tratar de impedir la desgracia que había anunciado la vieja, hizo publicar un edicto por el cual se prohibía a todo el mundo que hilase con huso, o que poseyese un huso en su casa, bajo pena de muerte.' *Abrandamento do malefício*: 'En ese momento el hada joven salió de detrás del tapiz y pronunció en voz bien alta estas palabras: Tranquilícense ustedes, rey y reina; su hija no morirá. Es verdad que carezco del poder suficiente para deshacer por completo lo que hizo el hada veterana: la princesa se pinchará la mano con el huso, pero en lugar de morir sólo caerá en un profundo sueño que durará cien años y al cumplirse éstos el hijo de un rey la vendrá a despertar.' *Um dos membros da família afasta-se de casa*: 'Al cabo de 15 ó 16 años, y en ocasión de que la familia real había ido a una de sus mansiones de recreo...' *A interdição é transgredida*: a princesa 'no había hecho más que tomar el huso cuando, como era muy brusca y un poco atolondrada - y además porque así lo habían dispuesto las hadas - se pinchó

la mano y cayó desmayada.’

A notícia da malfeitoria ou da falta é divulgada, dirige-se o herói (que demanda) um pedido ou uma ordem; este é enviado em expedição ou deixa-se que parta de sua livre vontade: ‘... un viejo campesino tomó la palabra y le dijo: Mi señor, hace más de cincuenta años que le oí decir a mi padre que en ese castillo había una princesa, la más hermosa que se haya visto jamás; que debía dormir cien años y que la despertaría el hijo de un rey, a quien estaba reservada. Estas palabras inflamaron al joven príncipe; creyó sin vacilar en que sería él quien culminaría una aventura tan hermosa e, impulsado por el amor y por la gloria, decidió averiguar en el terreno cómo eran las cosas.’ A malfeitoria inicial ou a falta são reparadas: O príncipe ‘se acercó temblando y admirado y se arrodilló junto a ella. Entonces, como había llegado el fin del encantamiento, la princesa se despertó y mirándolo con ojos más tiernos de lo que parecía permitir una primera mirada le dijo: ¿Es usted, príncipe mío? Se hizo esperar bastante.’ Herói casa-se e sobe ao trono: ‘...y después de la comida, sin perder tiempo, el capellán mayor los casó en la capilla del castillo y la dama de honor les corrió las cortinas...’

As versões anteriores (Coleção Doçura. São Paulo, Rideel, s/d.; Irmãos Grimm, Porto Alegre, Kuarup, 1988; Madrid, Anaya, 1996) terminam nesse ponto. Nesta última (Buenos Aires, Gramón-Colihue, 1999), há continuidade da história. A mãe do príncipe era da família de Ogres³ e ele também. Assim, o príncipe não conta à família sobre a esposa e os filhos. Quando o pai morre, ele assume o trono, momento em que participa à mãe que tem uma família. Ocorre uma guerra, para a qual ele vai, deixando esposa e filhos sob os cuidados da rainha. Esta resolve comer cada um dos netos e, por fim, a nora. Porém, um mordomo medroso e bondoso oferece-lhe animais, em lugar deles, sem que ela saiba. O mordomo leva a princesa e as crianças para a própria casa, onde ficam sob os cuidados de sua esposa. Um dia, antes de o filho chegar, a rainha-mãe descobre que foi ludibriada e resolve matar todos: o mordomo e a família, bem como a nora e os netos. O Príncipe chega momentos antes do assassinato. A rainha-mãe, furiosa por não haver conseguido seu intento, mata-se.

Além desse final, a versão apresenta uma moral da história, escrita em versos: *“Moraleja / Esperar un tiempo para hallar esposo / rico, bien plantado, galante y amoroso / es bastante natural. / Pero esperarlo cien años y durmiendo: / Ya no se encuentran mujeres / Que sepan*

dormir así. / También parece que el cuento nos dice / Que casamientos tardíos no son menos felices / Y que nada se pierde con saber esperar. / Pero las mujeres con tanto ardor / Buscan la unión conyugal / Que no tengo fuerzas ni corazón / Para imponerles esta lección.”

5.5. La Bella Del Bosque Durmiente (Perrault) - Traducido del original francés por Estrella Cardona Gamio⁴

Situação inicial: Os reis estavam tristes porque queriam ter um filho. Fizeram de tudo e, finalmente, nasceu uma menina. Para a festa de batizado chamaram para madrinhas todas as fadas do reino (naquela ocasião, sete fadas foram encontradas). Antes de começar o jantar, chegou uma velha fada que não fora convidada, porque já não saía de sua torre há mais de 50 anos. *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição:* A Princesa não pode tocar no fuso de uma roca. ...'Al llegarle el turno a la vieja hada, esta dijo, balanceando la cabeza más por despecho que por la edad, como la princesa se atravesaría la mano con un huso, y que a causa de ello moriría.'... 'El rey, para tratar de evitar la desgracia anunciada por la vieja hada, hizo publicar prestamente un edicto, por el cual se prohibía a todos hilar con husos, o tener rucas en su casa, bajo pena de muerte.' *Abrandamento do malefício:* Também nesta versão aparece o abrandamento do malefício. 'En esos momentos, el hada que se había escondido, surgió de detrás de los tapices, y dijo en alta voz estas palabras: Tranquilizaos, majestades, vuestra hija no morirá; cierto es que no tengo bastante poder para destruir enteramente lo que mi anciana hermana ha hecho, mas os aseguro que la princesa al atravesarse la mano con un huso, en lugar de morir, caerá solamente en un profundo sueño que durará cien años, al final de los cuales el hijo de un rey vendrá a despertarla.' *Um dos membros da família afasta-se de casa:* 'Al cabo de 15 ó 16 años, el rey y la reina fueron a una de sus mansiones de verano...' *A interdição é transgredida:* 'No bien la princesa hubo cogido el huso, lo que hizo con un gesto vivo y un poco atolondrado – por otra parte la voluntad de las hadas lo ordenaba así – se atravesó la mano cayendo desvanecida.' *A notícia da malfeitoria ou da falta é divulgada, dirige-se o herói (que demanda) um pedido ou uma ordem; este é enviado em expedição ou*

³ Ente fantástico cuja menção amedronta as crianças; bicho-papão.

⁴ Disponível em: < <http://www.cgediciones.com/Hadas/Perrault/perrault4.htm> >. Acesso em: 16 out. 2012.

deixa-se que parta de sua livre vontade: '... cuando un viejo campesino tomó la palabra diciéndole: Alteza, hace ya más de 50 años, escuché decir a mi padre que se encontraba en el castillo una princesa, la más bella del mundo, que debía dormir cien años y a quien despertaría de su sueño el hijo de un rey al que estaba destinada.' *Herói (que demanda) aceita ou decide agir:* O Príncipe 'resolvió comprobar sobre el escenario de los hechos lo que había de verdad en la extraña leyenda.' *A malfeitoria inicial ou a falta são reparadas:* 'Entonces [el príncipe] se acercó temblando de admiración y se arrodilló a su lado. Y, como el término del encantamiento había llegado, la princesa despertó, y, mirándole con los ojos más tiernos que un primer encuentro parecía permitir, le dijo: ¿Sois vos, príncipe mío?, bien que me habéis hecho esperar.' *Herói casa-se e sobe ao trono:* '...y después de cenar, sin perder tiempo, el gran capellán los casó en la capilla del palacio.'

Esta versão, encontrada na Internet, também continua narrando a mesma história sobre a rainha e o príncipe serem Ogros. Aqui, o príncipe também não conta à sua família sobre esposa e filhos. O pai morre, e ele assume o trono. Conta à mãe e a todos seus súditos que tem uma família. Um dia sai para uma guerra, deixando-os sob os cuidados da rainha-mãe. Esta decide comer cada um dos netos e, por fim, a nora. Porém um serviçal apiedado oferece-lhe animais em lugar deles, sem que ela saiba. Ele leva a princesa e as crianças para a própria casa e os deixa sob os cuidados da esposa. Quando a rainha-mãe descobre que foi enganada resolve matar todos: o serviçal e a família bem como a princesa e os filhos. O príncipe chega de viagem momentos antes do assassinato. A rainha-mãe, furiosa por não haver conseguido seu intento, mata-se. Nesta, entretanto, não há moral da história.

5.6. A Bela Adormecida (Walt Disney) - Vídeo de 75 min. Desenho animado, dublado.

Embora esta versão não esteja escrita, procedemos à análise da mesma forma, a partir das ações das personagens, chegando, assim, às funções do conto. *Situação inicial:* O casal de reis quer ter um filho. Nasce uma menina a quem chamam Aurora. *Ao herói (vítima) impõe-se uma interdição:* A princesa não pode ter contato com a roca e o fuso. Malévola, (aqui como agressor) oferta à princesinha um malefício: antes do pôr-do-sol de seu 16º aniversário, ela picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá.' *Abrandamento do mal:* Há também, nesta

versão, o abrandamento do malefício. A terceira fada, que ainda não havia se pronunciado diz: ‘... a morte não a levará, você adormecerá e de seu sono sairá. Um beijo doce a despertará.’

Um dos membros da família afasta-se de casa: Nesta versão, Aurora é levada de casa para viver em segurança numa cabana no bosque, com as três fadas disfarçadas de camponesas. Aurora recebe o nome de Rosa e não sabe de sua origem. *O agressor tenta obter informações:* Malévola envia seus soldados e seu corvo para localizar Aurora. *O agressor recebe informações sobre sua vítima:* O corvo avisa Malévola sobre a cabana do bosque. *O agressor tenta enganar a vítima para apoderar-se dela ou dos seus bens:* Malévola hipnotiza Aurora. *A interdição é transgredida:* A Princesa, aos 15 anos, toca no fuso de fiar: Hipnotizada por Malévola, Aurora sobe a uma torre, onde há uma roca, e pica o dedo no fuso de fiar. *O agressor faz mal a um dos membros da família ou o prejudica:* Nesta versão, o príncipe que ia em busca de sua amada no bosque é capturado por Malévola e é preso no calabouço da Montanha Proibida, onde mora Malévola. *A notícia da malfetoria ou da falta é divulgada, dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem; este é enviado em expedição ou deixa-se que parta de sua livre vontade:* ‘Malévola conta ao príncipe que Aurora vai dormir por muito tempo e que ele só será libertado quando ela acordar.’ *O herói-que-demanda aceita ou decide agir:* Com a ajuda das três fadas, o príncipe liberta-se de Malévola e parte para salvar Aurora. *O herói passa por uma prova:* As três fadas ofertam ao príncipe uma espada e um escudo para que ele enfrente Malévola, transmutada de dragão. Ele vence a batalha. *A malfetoria inicial ou a falta são reparadas:* O Príncipe chega à torre onde está a Bela Adormecida e lhe dá um beijo. Ela acorda imediatamente. *O herói (que demanda) casa-se e sobe ao trono:* O príncipe desce com Aurora ao salão onde ocorria uma festa e dançam, coroando assim sua união.

5.7 Convergências e divergências entre as versões

Como se pôde observar, todas as versões apresentam, na situação inicial, o mesmo conteúdo: desejo dos reis de terem um filho, o nascimento de uma menina e o batizado com fadas madrinhas. A interdição também se repete: ao completar 15 ou 16 anos, a menina tocará num fuso de fiar e cairá morta. O abrandamento do malefício é também recorrente em todas as versões analisadas: uma das fadas altera a maldição e, em lugar de morrer, a menina

dormirá por muito tempo. O tempo passa e, no período indicado, a interdição é transgredida: a menina toca no fuso e cai em sono profundo, com ela a corte dorme também. Depois de muito tempo (cem anos), um príncipe interessa-se pelo castelo adormecido e, com um beijo, desperta a princesa. Os dois se casam. Essa estrutura se repete em todas as versões do conto A Bela Adormecida.

Segundo Vera Teixeira (1988, 27), “os contos de fada mantêm uma estrutura fixa”. A narrativa parte de um problema ligado à quebra da tranquilidade inicial. Buscam-se soluções no decorrer da trama e a solução acontece no final da narrativa. Ao comparar todas as versões citadas, verificamos que os contos, segundo Propp e Teixeira, são iguais, sempre, em sua estrutura, embora seja apresentada, em duas versões em espanhol, uma continuação não encontrada nas edições em língua portuguesa. O que nos interessa aqui é o que há de diferente em cada versão do conto em questão. É na diferença que vamos encontrar as possíveis interdições aplicadas ao conto.

Embora em toda situação inicial os reis quisessem ter um filho, cada uma das versões intensifica mais ou menos esse desejo. Outra diferença é em relação ao número de fadas madrinhãs: três, sete ou treze – total este que se refere não a fadas, mas a mulheres sábias. Encontramos, também, divergência em relação aos presentes ofertados às madrinhãs, que são a causa da inveja e/ou mau juízo da quarta, oitava, ou décima terceira fada: ora são talheres de ouro, em estojo de ouro maciço (e, então, falta um estojo), ora são corações de ouro maciço e falta um coração; ou, ainda, uma fada deixa de ser convidada e, mesmo assim, aparece furiosa.

O prazo para o malefício acontecer varia de 15 a 16 anos. O tempo de sono em todas as versões escritas é de cem anos e esse tempo efetivamente passa. No vídeo, há alterações: a fada má não estipula prazo; a princesa dorme e acorda no mesmo dia. Quanto ao sono da princesa, nas versões em português (inclusive o vídeo), os reis acompanham-na, pois foram encantados. Já nas versões, em espanhol, os reis não adormecem. O modo de despertar também muda de uma versão para outra. Em algumas, a princesa acorda com um beijo (em português e no vídeo); em outras, a presença do príncipe coincide com o término dos cem anos de sono (em espanhol e na Internet – texto escrito em espanhol).

Em quatro das seis versões, a história termina com o casamento entre o príncipe e a Bela

Adormecida. Apenas em duas das versões em espanhol (publicação da Colihue e na Internet) a história continua, como já descrito. É justamente a continuação do conto, para além do casamento, que foi eliminada pelos irmãos Grimm ao recompilarem os contos de Perrault. Possivelmente tenhamos aqui a primeira interdição nesse conto de fadas.

6. Possíveis interdições

De acordo com Teixeira (1988, p. 26), com a Revolução Industrial, a criança passa a ocupar um lugar de destaque na família:

como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário aparelhar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, por isso, uma das metas prioritárias dos pais.

Por isso, segundo ela (1988, p. 26), os adultos sentem-se responsáveis por oferecer às crianças material adequado (do ponto de vista do adulto), de tal modo que elas o entendam, a partir das experiências que possuem: “E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável.” Teixeira (1988, p. 27) atenta para o objetivo dessas adaptações:

A adaptação dessas histórias populares [contos de fadas] para a infância atende, portanto, a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações.

Dessa forma, são utilizados padrões de comportamento exemplares ao transmitir os “valores da burguesia emergente, visando à sua integração social pela introjeção desses mesmos valores.” (TEIXEIRA, 1988, p. 26-27). Bettelheim (1980, p. 20-21) afirma que as estórias de fadas “representam, sob forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano”:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em

vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 1980, p. 20-21)

Unindo essas ideias, podemos interpretar que as adaptações tanto podem estimular a formação do indivíduo, como podem privar o leitor/ouvinte de sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente – elementos estes capazes de contribuir para aquela formação.

Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte. Daí a importância da apresentação integral dos textos. (BETTELHEIM, apud Vera TEIXEIRA, id. Ibid., p. 28)

Sandroni e Machado (1987, p. 15-16) confirmam:

Muitos pais – e também professores e pedagogos – se perguntam se os contos de fadas não são muito assustadores. Existe uma tendência a abrandar passagens consideradas violentas, ou mesmo eliminar lobos maus e bruxas. Mas as bruxas, os gigantes, os anões e os lobos continuam a exercer um fascínio muito grande sobre a criança. Ela pede histórias desse tipo e gosta de enfrentar e vencer o susto que sente. Além disso, é preciso que ela entre em contato e explore os aspectos mais sombrios da vida. Sentindo o calor da voz e do corpo dos pais, a criança pode ouvir histórias sobre gente má. Ela vai percebendo que a vida nem sempre é boa e tranquila. Histórias assim podem ajudá-la a lidar com sentimentos fortes, como o medo, protegida pela proximidade do pai e da mãe.

A partir dessa afirmação podemos depreender que livro e vídeo trazem implicações distintas no modo como a criança reage a uma ou outra mídia. Se, na leitura, há a proximidade dos pais (ou responsáveis) ou professores, o que permite a ela sentir-se protegida; assistindo a um vídeo, normalmente sozinha, a proteção parece ficar a cargo do aparelho de TV, que a mantém distante dos perigos. Entendemos que é importante que as versões (ou transformações) apresentem a origem sobre a qual foi desenvolvida para que os adultos se sintam seguros ao optar por uma ou outra versão. Porém nem sempre o conto traz essa

informação: o texto da Coleção Doçura não faz menção à origem do conto, nem ao autor ou tradutor; *La Bella Durmiente*, da Editora Anaya, descreve-se como autoria de Perrault e é adaptação literária de Benjamín Aragon; A Bela Adormecida, da Editora Kuarup, é texto integral, tradução do original dos irmãos Grimm; o vídeo A Bela Adormecida, de Walt Disney, é definido como adaptação da obra de Tchaikovsky; o conto *La Bella Durmiente Del Bosque*, que se encontra no livro *Los Cuentos de Perrault*, da editora Gramón-Colihue, de Buenos Aires, foi traduzido por Graciela Montes do original em francês; e, por fim, o conto encontrado na Internet, cujo título é *La Bella Del Bosque Durmiente*, também é tradução do original em francês, feita por Estrella Cardona Gamio.

Ao observar as informações trazidas em cada publicação, percebemos que os Irmãos Grimm fizeram uma adaptação do conto de Perrault, a partir da qual omitiram parte da história após o casamento entre o Príncipe e a Bela Adormecida. Somente as versões em espanhol, que foram traduzidas, trazem a história, supomos, completas. Está presente, aqui, a primeira interdição desse conto. Os Irmãos Grimm foram os primeiros interdítadores ao omitirem a parte final do conto.

A leitura em voz alta, para uma audiência, também pode ser vista como forma de interdição porque, como afirmam Sandroni & Machado (1987, p. 10)

... ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é, um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto. Também por isso a leitura é uma atividade individual e só a leitura direta, sem intermediário, é leitura verdadeira: a leitura silenciosa, que mobiliza toda a capacidade de uma pessoa, é uma atividade quase tão criadora como a de escrever.

Desse modo, ao ler para a criança, o adulto está sujeito a interferir, provocando interdições, quer pelo som de sua voz, quer pela velocidade com que lê, ou, simplesmente, por ter escolhido uma versão em detrimento de outras.

Assim como a Revolução Industrial propiciou elevar o grau de importância da criança para a família; modernamente sofreram alterações as instituições: família e escola. O consumo, imposto pelo capitalismo (reforçado pelo liberalismo e pelo neo-liberalismo); a

proposta de igualdade, iniciada pelo feminismo da década dos 60; entre outros fatores econômicos, sociais e culturais, impuseram às famílias a responsabilidade de criar um padrão ideal de vida, no aspecto financeiro. No mesmo compasso, as famílias passaram às escolas mais responsabilidades em torno da formação das crianças. Esse composto permite entrever que a criança continua a ser importante para a família, mas nem sempre é esta quem cuidará dela a maior parte do tempo. Muitas vezes, parte da educação é legada aos avós, ou somente à escola.

Dentre os itens de primeiras necessidades da sociedade moderna, a TV surge como complemento da educação, pressupondo-se que programas e vídeos infantis cumprem o mesmo papel educacional, substituindo – ainda que momentaneamente – os pais. Não se quer aqui macular a importância da mídia televisiva que traz imagens em movimento, mesmo porque o conteúdo significativo das palavras relaciona-se com imagens “construídas anteriormente e remetem a valores ideológicos” (CESPAL, 1990, p. 45). Afinal, a imagem não é palavra, mas veicula-se a partir dela. Portanto, assistir a Contos de Fadas em vídeo atrai os pequeninos tanto quanto a audição, porque, segundo Marcos Rey (1997, p. 59):

[...] A câmera não tem a sutileza das palavras. É capaz de criar clima, mas sua profundidade não vai além da pele. Ela pode revelar o sentido duma obra literária, suas intenções, mas não o recheio nem a beleza ou singularidade do estilo.

Mais adiante (p.59), sobre adaptações, o mesmo autor afirma:

[...] A adaptação não precisa necessariamente conter tudo o que está no livro. Mesmo livros com muita ação têm capítulos monótonos ou vazios. O que importa é que ela seja uma obra inteira, redonda, completa, sem evidenciar amputações, cortes por falta de tempo, saltos desconcertantes e buracos entre as seqüências.

Assim, mantidas as ações das personagens, característica intrínseca da linguagem da câmera, mantém-se o objetivo de entretenimento e educação; mantém-se, também, o caráter de transmissão de valores já discutido por Teixeira anteriormente. Nossa experiência mostra que, da mesma forma que a criança quer ouvir um conto – várias vezes e da mesma maneira (não admite que haja nenhuma modificação) – ela o revê em vídeo várias vezes também e

com a satisfação de ser sempre igual, a ponto de ela antecipar, por vezes, cenas e diálogos e vibrar com isso.

7. A modo de conclusão

Vimos que, em alguns momentos da história, as transformações/interdições ocorrem, ora “por acaso” (ao ser contado oralmente, as pessoas podem omitir ou acrescentar fatos, por interferência de outros contos e histórias), ora “por conveniência”, como dar caráter pedagógico ao conto. Desse modo, tanto a divulgação oral como as adaptações podem ser consideradas formas de interdição. Para a criança, entretanto, desde que a história seja sempre a mesma, principalmente nas especificações (até porque quando há alteração, ela retruca: “não é assim...”), ela se satisfaz com a versão oral ou ainda prefere o vídeo, porque não há “perigo” de alteração da narração. Assim, ela fica satisfeita – pois pode assistir ao conto quantas vezes quiser -, e os pais ficam satisfeitos, porque podem entreter a criança mesmo quando eles não têm tempo para isso.

No conto analisado, observamos que as diferenças são mínimas, salvo as versões estrangeiras que prolongam a narrativa, com elementos ficcionais mais densos. A Bela Adormecida, de certo modo, é a mesma história há séculos. Parece, contudo, que alguns autores, ou adaptadores, decidiram inserir ou extrair fatos, de acordo com interesses pessoais, ou relacionados ao público a que se dirigiam. Essa decisão resultou, muitas vezes, na primeira forma de interdição, como apontamos anteriormente.

Referências

A BELA ADORMECIDA. In: **A galinha dos ovos de ouro**. São Paulo, Rideel, s/d. (Coleção Doçura, 1ª série.)

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. (coord.). **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. 2.ed., São Paulo, Editora Unesp, 1991. p. 847.

CESPAL – Centro de Estudos e Pesquisas de Artes e Letras Teresa Martin – **Anais do I Seminário Estadual sobre Literatura Infanto-juvenil, Livro Didático e Participação da Comunidade na Formação de Leitores**. São Paulo: Faculdades Teresa Martin, 1990.

DISNEY, Walt. **A Bela Adormecida**. Adaptação da obra de Tchaikovsky. 75 min. Dublado. (1.a versão, 1956)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

<http://www.leiabrasil.org.br/promocaodaleitura/temasparaleitura/contodefada.htm>

IRMÃOS GRIMM. **A Bela Adormecida**. 5.ed. Porto Alegre, Kuarup 1988.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

PERRAULT, C. “*La Bella Durmiente del bosque*”. In: PERRAULT, C. **Los cuentos de Perrault**. Buenos Aires, Gramón-Colihue, 1999.

_____. **La Bella Durmiente**. Madrid, Anaya, 1996.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

----- . **Las transformaciones del cuento maravilloso**. Buenos Aires. Rodolfo Alonso Editor. SRL. 1972 (Trad. Hugo Acevedo. Cuadernos de Semiología).

_____. **Morfologia do conto**. Editorial Vega, 1978.

REY, Marcos. **O roteirista profissional**. Televisão e cinema. 3.ed. ampliada. São Paulo: Ática, 1997.

SANDRONI, L.C. & MACHADO, L.R. (org.) **A criança e o livro**. Guia prático de estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 1987.